

Agora, ouçam isto!



Sábado, 07 de Novembro

Leia para o estudo desta semana: Números 13:26-30; Jeremias 36:20-26; 2Crônicas 36:15, 16; Mateus 23:30-35; 1Coríntios 10:6-12.

Verso para memorizar: “Estas coisas aconteceram com eles para servir de exemplo e foram escritas como advertência a nós, para quem o fim dos tempos tem chegado” (1Coríntios 10:11).

Algumas pessoas hoje são encorajadas a falar “a sua verdade” —as suas experiências, as suas ideias, as suas necessidades, os seus limites, as suas convicções—sejam elas quais forem. Toda “verdade” é válida (é assim que se pensa) e não deve ser silenciada.

O que acontece, porém, quando algumas dessas “verdades” profundamente arraigadas entram em conflito com a Verdade, Jesus Cristo, e com a Sua Palavra Escrita?

O que acontece é que algumas pessoas aceitarão as verdades bíblicas e se afastarão dos seus erros; outras, porém, apegar-se-ão às suas mentiras. Alguns mudam o seu comportamento em resposta à verdade; outros rebelam-se contra ela. Assim tem sido a história da humanidade.

Os profetas bíblicos eram frequentemente chamados para transmitir mensagens que as pessoas não queriam ouvir. Como resultado, muitos foram criticados, rejeitados, até mesmo ameaçados de morte ou, de fato, mortos (Hebreus 11:32–38). Apesar de tudo isso, os profetas de Deus proclamaram fielmente as suas mensagens porque a orientação profética divina não era opcional para eles. Era uma instrução que salvava a vida do povo de Deus. Portanto, as mensagens tinham de ser transmitidas, não importando o custo pessoal para o profeta.

Ira contra o mensageiro de Deus

Moisés, o líder escolhido por Deus, conhecia as alegrias e as dores de conduzir uma multidão heterogênea pelo deserto em busca da Terra Prometida.

1. Leia Números 14:4-11. O que aconteceu nesses versos? Por que o povo se revoltou contra Moisés e Arão?

Uma leitura atenta desses versículos revela que os filhos de Israel estavam irados contra Deus porque não confiavam Nele. Moisés e Arão, os representantes humanos da soberania suprema de Deus, eram alvos fáceis para a ira da nação. A necessidade de segurança física e mental é uma motivação fundamental que todos os seres humanos possuem. Quando qualquer uma delas é ameaçada, ou percebemos algo como uma ameaça ao nosso bem-estar físico ou mental, podemos ficar irados ou até mesmo irracionais.

2. Leia Números 13:26-30. Por que os israelitas ficaram tão amedrontados? Que palavra de encorajamento Calebe lhes dirigiu?

Os israelitas tinham temores legítimos acerca dos desafios que estavam à sua frente para tomar posse da Terra Prometida, “mas quando os homens entregam o coração à incredulidade, colocam-se sob o controle de Satanás, e ninguém pode dizer até que ponto ele os levará.” —Ellen G. White, Patriarcas e Profetas, p. 389. Moisés enfrentou, naquele momento, um desafio de liderança quase insuperável. Os temores do povo logo se transformaram em ira contra Arão e Moisés e em aberta rebelião contra Deus.

Quando o povo procurou novos líderes para substituir o profeta/líder escolhido por Deus (Deuteronômio 34:10–12, Números 14:4), Josué e Calebe rasgaram as suas roupas e suplicaram ao povo que confiasse em Deus apesar dos seus temores: “Se o Senhor se agradar de nós, então nos fará entrar nesta terra, “uma terra que mana leite e mel”. Tão somente não sejais rebeldes contra o Senhor, nem temais o povo da terra” (Números 14:8, 9).

É fácil confiar em Deus quando tudo vai bem, não é? Mas o que acontece quando a tragédia chega? E quando confiar no Senhor significa enfrentar desconforto, perda de segurança ou até prejuízos concretos na vida diária? Como você reage nessas situações?

Destruindo a mensagem – parte 1

3. Leia Jeremias 36:20-26. O que estava acontecendo na corte, e como os líderes reagiram à advertência profética?

Jeremias foi a voz profética de Deus para a nação de Judá durante um período de ruína iminente. Por muitos anos, Deus, por meio de Jeremias, vinha advertindo Judá sobre o Seu desagrado para com o povo e avisando que a Babilônia os conquistaria e os levaria cativos para o exílio (Jeremias 6:8–19; Jeremias 26:1-24). O Senhor buscava salvá-los, mas eles precisavam obedecer.

Os pecados de Judá eram muitos, públicos e persistentes. A idolatria, o sacrifício de crianças, o adultério e a tirania eram a norma nos dias de Jeremias; contudo, as advertências e os apelos do profeta não foram atendidos. À medida que o ministério profético de Jeremias se aproximava do fim, os apelos de Deus aos Seus filhos rebeldes tornavam-se mais intensos, embora Seus esforços sempre visassem à redenção. Em Jeremias 32, por exemplo, Deus instrui Jeremias a comprar um terreno e guardar a escritura, “pois assim diz o Senhor dos Exércitos...: “Casas, campos e vinhas serão novamente possuídos nesta terra”” (Jeremias 32:15).

Foi o amor que levou Deus a fazer com que Jeremias escrevesse uma espécie de apelo final ao arrependimento e à reforma. A reação de Joaquim a essa mensagem foi de desprezo por Deus, pela Sua mensagem e pelo Seu mensageiro.

4. Leia 3 Jeremias 36:27-31. Como Deus respondeu ao ato de desafio de Jeoaquim?

Às vezes, há uma tendência de acreditar que, se rejeitarmos ou destruirmos as mensagens de Deus ou os Seus mensageiros, a própria mensagem desaparecerá. A nossa falta de disposição para dar ouvidos à Palavra profética de Deus não apaga a mensagem que Deus tem para nós. O nosso desprezo apenas intensifica o dano que nos sobrevirá a nós e às nossas famílias por causa da nossa ignorância deliberada ou rebelião. A profecia de Jeremias sobre o fim do rei Joaquim contém uma grave advertência para todo ser humano (Jeremias 36:30, 31): ignoramos as advertências de Deus para nós por nossa própria conta e risco, pois colheremos as consequências do nosso pecado e do mal.

O que isso nos revela sobre o caráter de amor de Deus, ao insistir em alcançar Seu povo apesar de toda a sua rebeldia?

Destruindo a mensagem – parte 2

As respostas humanas ao dom de profecia podem assumir muitas formas. No caso de Moisés, os filhos de Israel caíram em aberta rebelião contra Moisés e Arão, movidos pelo medo dos inimigos que encontrariam ao tentar entrar na Terra Prometida. Anos mais tarde, o rei Jeoaquim queimou a mensagem de Deus na esperança de destruir a Palavra profética de Deus.

Esses, porém, não foram de modo alguns casos isolados. A história do antigo Israel e de Judá foi, com raras exceções, uma história de rejeição aos profetas.

5. Leia Crônicas 36:15, 16. Como o reino de Judá reagiu às mensagens que o Senhor lhe enviava por meio de Seus profetas? Como Deus acabou respondendo à atitude de Judá?

O ministério profético de Jeremias abrangiu os reinados de Josias, Jeoacaz, Jeoaquim, Joaquim e Zedequias. O reino da Babilônia, liderado por Nabucodonosor, estava agora às portas de Judá. As profecias de Jeremias estavam praticamente cumpridas quando um jovem de 21 anos chamado Zedequias subiu ao trono (2 Crônicas 36:11). A Bíblia diz: “Ele fez o que era mau aos olhos do Senhor, seu Deus, e não se humilhou diante de Jeremias, o profeta, que falava da parte do Senhor” (2 Crônicas 36:12).

Observe como o dom profético de Jeremias é descrito. Ele é apresentado como alguém que falava pela própria boca de Deus. No entanto, Zedequias não se humilhou diante do profeta. E, contudo, Jeremias, que era apenas um homem, um pecador como todos nós, era um representante do Senhor, em cujo nome ele falava.

Jeremias foi apenas um entre muitos profetas com esse papel. Durante séculos, Deus enviou mensageiros ao Seu povo (Êxodo 3:15; Salmos 105:26; Malaquias 3:1; Isaías 6:8; Jeremias 25:4; Mateus 23:34; Lucas 11:49). Afinal, Ele não quer “que ninguém pereça, mas que todos cheguem ao arrependimento” (2 Pedro 3:9). A história de Israel e Judá é o relato do incansável empenho de Deus para alcançar um povo infiel com Suas promessas de salvação – contanto que se arrependesse.

Na fase final da história de Judá, porém, a graça estendida por meio da voz profética de Jeremias não foi recebida com humildade, fé e arrependimento, mas com zombaria, desprezo e escárnio.

O povo zombou dos mensageiros de Deus, desprezou Suas palavras e caçou de Seus profetas. Podemos achar que hoje jamais faríamos algo semelhante – ou será que corremos o mesmo risco?

Hipocrisia

Alguma vez você já olhou para coisas que outras pessoas fizeram no passado e pensou consigo mesmo: Se fosse eu, nunca teria feito o que aquelas pessoas fizeram! No entanto, se formos honestos conosco mesmos, talvez não façamos exatamente as mesmas coisas que os outros fazem, mas muitas vezes nos comportamos de maneiras semelhantes, repetindo os mesmos erros e, talvez, cegando-nos deliberadamente para aquilo que realmente estamos fazendo. Esse é o princípio que o próprio Jesus abordou quando disse: “Hipócrita! Primeiro tira a trave do teu próprio olho e, então, verás claramente para tirar o cisco do olho do teu irmão” (Mateus 7:5).

6. Leia Mateus 23:30-35. Que verdade importante, ainda que dolorosa, Cristo destaca nesse texto? Que advertência precisamos extrair de Suas palavras para nossa própria vida?

Há um sentido nesses versículos de que Jesus odiava o comportamento dos fariseus porque a sua hipocrisia era ainda pior por causa de uma recusa determinada em mudar. Jesus já estava farto da religião dos fariseus. Ele estava cansado das elites espirituais com longas vestes esvoaçantes, que não passavam de sepulcros caiados, cheios de ossos de mortos (Mateus 23:27, 28). Eles não confessavam nem abandonavam os seus pecados, mesmo quando os pecados lhes eram apontados, mesmo quando Jesus, repetidas vezes, lhes dava uma oportunidade de se arrependerem e serem salvos.

Ao lidar com esses homens, não é de admirar que Jesus os chamasse de “hipócritas”! A expressão frequentemente era assim: “Ai de vocês, escribas e fariseus, hipócritas!” (ver Mateus 23:14, 15, 23, 25, 27).

As suas vidas eram, de fato, caracterizadas por dizerem uma coisa enquanto faziam outra. Essa era também a sua atitude em relação aos profetas. Eles pensavam, por exemplo, que, ao embelezarem os túmulos dos profetas, estavam honrando a fé; mas, nas coisas importantes, como arrependerem-se diante das palavras dos profetas, recusavam-se a fazê-lo. Em vez disso, queriam estar associados ao poder e à comoção dos profetas, mas não ao conteúdo das suas mensagens. Ao embelezarem os túmulos e sepulcros dos servos de Deus, raciocinavam consigo mesmos que jamais teriam derramado o sangue dos mensageiros de Deus. No entanto, naquele exato momento, estavam planejando o assassinato de Alguém muito mais do que um profeta—o próprio Messias.

Como podemos ter certeza de que não estamos fazendo o mesmo – mantendo aparência de religiosidade por fora, enquanto, por dentro, abrigamos rebeldia, ganância ou ódio no coração?

Para nossa advertência

Todos esses relatos do Antigo Testamento, por mais sórdidos e tristes que sejam, foram apresentados por uma boa razão: idealmente, para que aprendêssemos com eles lições sobre o que acontece quando nos rebelamos contra Deus.

7. Leia 1Coríntios 10:6-12. Segundo o apóstolo Paulo, por que Deus inspirou os profetas a escrever o que registraram na Bíblia?

Nestes versículos, Paulo traça uma linha direta ligando o passado ao presente, conectando o antigo Israel e a igreja, da qual nós, que aceitamos Jesus como Senhor e Salvador, agora fazemos parte (Gálatas 6:14–16).

Paulo deixa claro que o registro passado das experiências da humanidade com Deus—sejam elas boas ou más—não deve ser ignorado ou desconsiderado. Na verdade, Deus considerou isso tão importante que o registrou como exemplos, “a fim de que não cobicemos as coisas más, como eles [os nossos antepassados] cobiçaram” (1 Coríntios 10:6). Em outras palavras, o passado muitas vezes é o prólogo do futuro. O passado frequentemente estabelece o contexto para aquilo que está acontecendo no presente e para o que acontecerá no futuro.

Com efeito, Deus está dizendo que não estamos condenados a repetir os erros das gerações passadas, se apenas dermos ouvidos às admoestações das Escrituras e às mensagens proféticas enviadas por Ele a nós por meio dos Seus profetas. Se ouvirmos, aprendermos e obedecermos, a nossa vida será estabelecida, e prosperaremos (2 Crônicas 20:20).

Para alguns, até mesmo a prosperidade espiritual tem sido definida por possuir belas casas, carros, roupas e outros bens materiais. Embora Deus prometa cuidar das nossas necessidades, Ele também deseja que as nossas almas prosperem, assim como prosperamos em outros aspectos (3 João 2). Mas a verdadeira e duradoura plenitude espiritual na vida cristã requer obediência às mensagens de Deus.

Deus não desperdiça palavras. Quando Ele fala, as Suas Palavras são eternas. O seu poder e eficácia nunca terminam (Isaías 40:8). Elas são dadas para a nossa admoestação, “sobre quem os fins dos séculos têm chegado” (1 Coríntios 10:11). Se isso era verdade naquela época, quanto mais essas palavras deveriam aplicar-se a nós hoje?

Ao ler relatos bíblicos de rebelião e incredulidade, que lições você pode extrair deles para ajudá-lo a não repetir os mesmos erros?

Recebendo e transmitindo mensagens

Arthur White, neto de Ellen G. White e ex-diretor do Ellen G. White Estate, estimou que, durante a sua vida, sua avó recebeu centenas de visões e sonhos proféticos. As visões duravam de alguns minutos a várias horas e, às vezes, eram testemunhadas por grandes grupos de pessoas. Em algumas ocasiões, até mesmo os seus céticos tiveram a oportunidade de examiná-la durante essas manifestações públicas.

Assim como os profetas bíblicos, Ellen G. White experimentou fenômenos sobrenaturais enquanto estava em visão. Em 1868, James White deu uma descrição detalhada do estado de Ellen White durante uma visão. Ela estava “completamente inconsciente de tudo o que acontecia ao seu redor”; não respirava; os seus músculos ficavam “rígidos” e as suas “articulações fixas”; os seus movimentos e gestos eram “livres e graciosos”; e os seus olhos estavam abertos. Depois de sair da visão, ela temporariamente perdia a visão, mas a sua capacidade visual não estava prejudicada. Ninguém podia controlar quando ou por quanto tempo ela estaria em visão, pois as visões geralmente eram inesperadas pela própria Ellen White. (Ver James White, *Life Incidents*, pp. 271–274.)

Assim como nos tempos bíblicos, a reação das pessoas às mensagens variava. Alguns aceitavam os conselhos de Deus; outros os rejeitavam. Como Ellen G. White afirmou: “Deus me colocou como uma repreensora do Seu povo; e . . . como Ele colocou sobre mim o pesado fardo, Ele tornará responsáveis aqueles a quem esta mensagem é dada pela maneira como a tratam. . . Eu não escolhi para mim mesma este trabalho desagradável. Não é uma obra que me trará o favor ou o louvor dos homens. . . Em nome e na força do meu Redentor farei o que puder. Advertirei e aconselharei, repreenderei e encorajarei conforme o Espírito de Deus determinar, quer os homens ouçam, quer se recusem a ouvir. Meu dever não é agradar a mim mesma, mas fazer a vontade do meu Pai celestial, que me deu o meu trabalho.” —Testemunhos para a Igreja, vol. 4, pp. 231, 232.

Curiosamente, muitos daqueles que rejeitaram as suas mensagens proféticas o fizeram com base na sua própria incredulidade ou em discordâncias pessoais com Ellen G. White, e não por motivos teológicos. Ellen G. White foi muito graciosa com aqueles que expressavam ceticismo quanto ao seu dom profético. De fato, ela deixou claro que tais pessoas deveriam ser tratadas com “longa paciência e amor fraternal . . . até que encontrem a sua posição e se estabeleçam a favor ou contra.” —Testemunhos para a Igreja, vol. 1, p. 328.

Ellen G. White estava convencida de que a verdadeira prova do seu dom profético eram as mensagens que Deus lhe dava. Se as pessoas estivessem honestamente buscando a verdade, ela acreditava que chegariam a ver que o seu dom era genuíno e autêntico. Ela confiava que Deus as conduziria na sua busca por uma melhor compreensão, mas também escreveu que Deus nos deu evidências suficientes “para equilibrar a nossa fé do lado da verdade.” —Testemunhos para a Igreja, vol. 4, p. 231.

Informativo *Mundial da Missão*

“Deus em Primeiro Lugar”: Parte 2

Naum lembra-se bem do dia em que soube que haveria uma escola secundária e uma faculdade adventista do sétimo dia no seu próprio país.

“Um irmão da União Iugoslava veio visitar a minha igreja e nos contou sobre uma escola adventista que seria inaugurada. Ficamos muito felizes!”

A escola em Maruševac foi inaugurada em 1969 com 45 alunos.

“Foi como um milagre ter esta escola!”, exclama Naum. “Fomos a primeira geração, a geração experimental. A equipe leu o livro Educação, de Ellen G. White, e a educação que recebemos foi a melhor!”

Como a escola ainda não era credenciada, os alunos tinham de fazer todos os 17 exames das disciplinas aplicados pelo governo no final de cada ano letivo.

“Foi um treinamento rigoroso”, recorda Naum, “mas, no final do quarto ano, obtivemos notas mais altas do que os alunos das escolas públicas! Éramos considerados a melhor escola do que era então a Iugoslávia.”

Depois de se formar, Naum frequentou a universidade na cidade de Zagreb, onde estudou francês e latim. Ao concluir os estudos, Naum recebeu duas ofertas de emprego—uma do governo comunista, que lhe oferecia um cargo político muito desejado; a outra era um cargo de professor na escola adventista em Maruševac.

Ao conversar com os funcionários do governo, Naum disse: “Vocês sabem que sou adventista. Vou à igreja todos os sábados. Por que estão me convidando para este cargo?”

“Porque precisamos de pessoas honestas na política; elas são raras!”, veio a surpreendente resposta. “Precisamos de pessoas com princípios!”

“Obrigado”, respondeu Naum, “mas aceitei um emprego na escola de Maruševac.”

Durante muitos anos, Naum serviu fielmente aos alunos de Maruševac, não apenas ensinando-lhes francês e latim, mas também valores eternos.

“Deus e a salvação—essas eram as primeiras coisas que eu queria que os meus alunos aprendessem”, disse Naum. “Depois disso vem o conhecimento e a aceitação das responsabilidades da vida—levar a vida a sério. Não estamos brincando de viver; os tempos são sérios.”

Em 2017, a sua Oferta do Décimo Terceiro Sábado ajudou a construir um dormitório muito necessário na Escola Secundária Adventista de Maruševac, na Croácia. Neste trimestre, a sua Oferta do Décimo Terceiro Sábado ajudará a construir uma nova igreja adventista do sétimo dia na capital, Zagreb, substituindo uma das maiores e mais antigas igrejas adventistas de Zagreb, que foi destruída por uma série de fortes terremotos em 2020. Este novo edifício da igreja permitirá que os membros se reúnam para o culto e outras atividades da igreja e se torne um centro de influência para os cidadãos de Zagreb. Uma sala de aula para a “Escola Prilaz” será incluída, juntamente com uma cozinha e uma grande sala de jantar. O centro abrirá as suas portas aos visitantes por meio de vários projetos que atendem às necessidades da comunidade ao redor.

Fornecido pelo Escritório da Conferência Geral da Missão Adventista, que usa as ofertas missionárias da Escola Sabatina para espalhar o evangelho em todo o mundo. Leia novas histórias diariamente em www.AdventistMission.org.

Acreditamos que Deus aumentou o conhecimento de nosso mundo moderno e que Ele deseja que o usemos para Sua glória e proclamar Seu breve retorno! Precisamos da sua ajuda para continuar a disponibilizar a Lição neste aplicativo. Temos os seguintes custos Firebase, hospedagem e outras despesas. Faça uma **doação** no nosso site WWW.Licao.org

www.Licao.org

Comentários do Professor

PARTE 1: Visão Geral

Texto-chave: 1 Coríntios 10:11

Foco do estudo: Números 13:26–30; Jeremias 36:20–26; 2 Crônicas 36:15, 16; Mateus. 23:30–35; 1 Coríntios 10:6–12.

Introdução

Até agora, as lições deste trimestre concentraram-se no modo como o profeta recebia e transmitia as mensagens de Deus. A lição desta semana focaliza a maneira como o público bíblico reagiu à mensagem do profeta. Infelizmente, a mensagem profética foi mais frequentemente rejeitada do que aceita.

Esses relatos foram registrados para nossa advertência e encorajamento, a fim de que possamos aprender com os mesmos erros e evitá-los. Esta lição pode ajudar a lançar as bases para a compreensão da aceitação — e da rejeição — do ministério profético de Ellen G. White.

Comentários do Professor

PARTE 2: Comentários

1. Os profetas bíblicos eram impopulares porque as suas mensagens eram impopulares.

Ao longo da história, os profetas de Deus enfrentaram hostilidade, rejeição e até violência por parte das pessoas para as quais foram enviados para orientar. Moisés, por exemplo, suportou constante oposição dos israelitas, que o culpavam pelas suas dificuldades no deserto (Números 14:4–11). Da mesma forma, as advertências de Jeremias foram repetidamente ignoradas e ridicularizadas; o rei Jeoaquim chegou ao ponto de queimar o rolo do profeta para silenciar a mensagem de Deus (Jeremias 36:20–26). “Os profetas não eram filósofos abstratos que tratavam de assuntos esotéricos, distantes das realidades da vida cotidiana. Eles conclamavam as pessoas a rejeitar a religião popular, a agir com justiça e a colocar a sua confiança em Deus, em vez de nas suas redes sociais e recursos. Infelizmente, uma mensagem impopular muitas vezes leva a um mensageiro impopular.” —Eric J. Tully, *Reading the Prophets as Christian Scripture: A Literary, Canonical, and Theological Introduction*, p. 111.

Esse padrão de rejeição continuou ao longo da história de Israel (2 Crônicas 36:15, 16; Mateus 23:34–37). Até mesmo Jesus, o Profeta supremo, foi desprezado e crucificado. A resistência aos mensageiros de Deus revela a tendência humana de rejeitar verdades desconfortáveis; contudo, Deus, em Sua misericórdia, continuou enviando profetas para chamar o Seu povo ao arrependimento. A sua impopularidade não diminuiu a verdade da sua mensagem—apenas destacou a luta da humanidade para se submeter à vontade de Deus.

2. Os relatos bíblicos sobre a rejeição da mensagem profética foram dados para que pudéssemos aprender com eles e evitar os erros dos nossos antepassados.

Em 1 Coríntios 10:6–12, Paulo adverte os crentes de Corinto contra a repetição dos erros de Israel no deserto. Ele usa a história de Israel como exemplo de como o povo de Deus, apesar de experimentar as Suas bênçãos, caiu em idolatria, imoralidade sexual, provação de Deus e murmuração—ações que fizeram com que viessem sob juízo. Paulo enfatiza que esses acontecimentos servem de advertência aos crentes, exortando-os a permanecer fiéis e a não presumirem que estão imunes à queda. Ele conclui com uma advertência: aqueles que pensam estar firmes devem ter cuidado para não cair, destacando a necessidade de humildade, vigilância e dependência de Deus para permanecerem fiéis.

Comentários do Professor

Quando Paulo disse que essas coisas foram escritas para a nossa admoestação, “sobre quem os fins dos séculos têm chegado” (1 Coríntios 10:11, CSB), ele quis dizer que os crentes do seu tempo—e, por extensão, todos os cristãos—vivem em uma era decisiva da história da redenção, durante a qual a maneira como Deus lidou com o Seu povo no passado serve como uma lição urgente para o presente. A culminação do plano de Deus por meio de Cristo inaugurou o estágio final antes do seu cumprimento definitivo, tornando essas advertências especialmente relevantes. Paulo chama à vigilância, à fidelidade e à dependência de Deus, lembrando-nos de que somos responsáveis pela maneira como respondemos às lições do passado, tendo em vista a consumação vindoura do reino de Deus.

3. Ellen G. White experimentou a rejeição de suas mensagens proféticas, assim como os profetas bíblicos, mas, como eles, permaneceu resiliente.

Durante seu ministério profético para a Igreja Adventista do Sétimo Dia, Ellen G. White enfrentou repetida oposição. Por parte de muitos dentro da igreja, ela experimentou uma rejeição aberta de suas mensagens, a distorção do significado claro de seus testemunhos e aqueles que questionavam “os testemunhos, encontrando defeitos neles e procurando afastar o povo de sua influência”. — Ellen G. White, *Selected Messages*, livro 1, p. 45.

Desde os primeiros dias de seu ministério profético, numerosas pessoas deixaram a igreja e lançaram uma oposição organizada ao seu trabalho. Em 1868, depois de apresentar as contribuições positivas do ministério profético de Ellen G. White, Uriah Smith descreveu os ataques contra suas visões e testemunhos até aquele momento:

“Contudo, com todo esse conjunto de bons frutos que eles [as visões e os testemunhos] são capazes de apresentar, com toda essa inocência de qualquer acusação de mal que possa ser apresentada contra eles, em toda parte encontram a mais amarga oposição. São objeto do mais cego preconceito, do mais intenso ódio e da mais maligna amargura. Pessoas mundanas e professos formais de todas as denominações unem-se em um só clamor geral contra eles, com insultos e abusos. Muitos percorrerão uma longa distância, desviando-se de seu caminho, com o propósito de lhes desferir um ataque malicioso e não solicitado.” — Uriah Smith, *The Visions of Mrs. E. G. White: Manifestation of Spiritual Gifts According to the Scriptures* (Battle Creek, MI: Seventh-day Adventist Publishing, 1868), p. 8.

Em 1883, Ellen G. White confirmou as palavras de Smith com seu testemunho:

“Desde o início de minha obra, tenho sido perseguida pelo ódio, pela reprovação e pela falsidade. Acusações vis e relatos caluniosos têm sido avidamente recolhidos e amplamente divulgados pelos rebeldes, pelos formalistas e pelos fanáticos. . . . Essa guerra tem sido mantida por quase quarenta anos.” — *Selected Messages*, livro 1, p. 69.

Comentários do Professor

Dudley M. Canright, um ministro adventista do sétimo dia de longa data, deixou a igreja em 1887 e lançou uma campanha agressiva contra seus ensinamentos durante os últimos 30 anos de sua vida, fazendo de Ellen G. White o foco de seus ataques em seu livro **Life of Mrs. E. G. White, Seventh-day Adventist Prophet: Her False Claims Refuted** (Salt Lake City: Sterling Press, 1998; Cincinnati: Standard Publishing, 1919).

A influência de Canright sobre os críticos do adventismo do sétimo dia e de Ellen G. White foi profunda, moldando a oposição até o século XXI. Seus livros continuaram circulando após sua morte e foram usados por críticos evangélicos para classificar o adventismo do sétimo dia como um culto durante a primeira metade do século XX. Na década de 1970, a influência de Canright surgiu nas críticas acadêmicas, que ecoavam suas acusações anteriores de plágio. No final da década de 1990, as críticas a Ellen G. White espalharam-se globalmente por meio da internet, que tornou *Life of Mrs. E. G. White* amplamente acessível. Hoje, as obras de Canright continuam influentes, disponíveis gratuitamente on-line e em edições reimpressas, garantindo que seu impacto permaneça nos debates contemporâneos. (Para mais detalhes sobre Canright, ver Jud Lake, *Ellen White Under Fire*, pp. 45–84.)

Em 1906, Ellen G. White refletiu sobre o futuro das críticas contra ela: “Espero agora que uma longa lista de falsas declarações seja apresentada ao mundo, e que mentira após mentira, declaração falsa após declaração falsa, que Satanás originou na mente de indivíduos, seja por alguns aceita como verdade. Mas deixo meu caso nas mãos de Deus, e aqueles que conhecem minha prática de vida não aceitarão as mentiras que são proferidas.” — *Selected Messages*, livro 3, p. 352.

Em seu livro mencionado acima, Uriah Smith respondeu aos críticos de Ellen G. White relatando os quatro frutos do seu ministério profético na igreja. Ele explicou que o ministério profético de Ellen G. White produziu quatro frutos fundamentais. Primeiro, ele sustenta os mais elevados padrões morais, expondo o pecado, advertindo contra os enganos de Satanás e prevenindo o fanatismo. Seus escritos revelaram erros ocultos, protegeram a causa da verdade e inspiraram maior consagração a Deus e santidade de coração. Segundo, eles conduzem as pessoas a Cristo, apresentando-O como o único Salvador e exortando os crentes a seguir Seu santo exemplo.

Terceiro, eles direcionam os leitores para a Bíblia, afirmando-a como a Palavra inspirada de Deus e incentivando seu estudo diligente como regra de fé e prática. Finalmente, eles trazem conforto e força, encorajando os fracos, animando os desalentados e trazendo clareza à confusão. Seus escritos promovem consistentemente a justiça, jamais endossando o mal ou diminuindo os padrões morais. Ninguém que os segue foi conduzido ao pecado, e eles sempre inspiram maior fidelidade e devoção a Deus (ver Uriah Smith, *The Visions of Mrs. E. G. White*, pp. 6–8). Esses quatro frutos continuaram a se manifestar ao longo de todo o ministério profético da Sra. White, até sua morte em 1915.

Comentários do Professor

PARTE 3: Aplicação Prática

As seguintes perguntas de aplicação prática, extraídas do comentário acima, são oferecidas para enriquecer a discussão em sua turma. Escolha, entre elas e as que constam na lição, aquelas que melhor envolverão sua turma em uma reflexão significativa.

1. Por que as pessoas resistem às mensagens de Deus quando elas desafiam suas crenças ou comportamentos? Como podemos garantir que não cometeremos o mesmo erro?
2. Moisés, Jeremias e outros profetas enfrentaram rejeição e hostilidade. Como devemos reagir quando encontramos oposição ao compartilhar a verdade de Deus?
3. Jesus, o Profeta supremo, foi desprezado e crucificado. De que maneira a experiência Dele nos encoraja a permanecer fiéis, apesar das dificuldades?
4. Em 1 Coríntios 10:6-12, Paulo alerta que devemos aprender com as falhas de Israel. Que lições específicas podemos extrair dessas falhas e aplicar à nossa vida hoje?
5. Como podemos permanecer humildes e vigilantes para não cometer os mesmos erros das gerações passadas?
6. De que modo o estudo da história nos ajuda a reconhecer e resistir à tentação de comprometer nossa fé?
7. Assim como os profetas bíblicos que a antecederam, Ellen G. White enfrentou rejeição. Como devemos reagir quando a orientação de Deus é criticada ou mal-entendida?
8. Como devem reagir aqueles que valorizam profundamente o ministério profético de Ellen G. White diante da campanha agressiva e hostil movida contra ela no YouTube e em outros meios?
9. Que recursos podem ser utilizados para oferecer respostas fundamentadas e que fortaleçam a fé diante das acusações feitas pelos críticos de Ellen G. White?
10. Que lições podemos aprender com a resiliência de Ellen G. White diante da oposição?
11. Uriah Smith descreveu quatro frutos principais do ministério de Ellen G. White (padrões morais, condução a Cristo, confirmação da Bíblia e oferta de encorajamento). Qual desses aspectos mais influencia a sua fé atualmente?